

Se hoje curtes, de alma aflita,
Provação, névoa, pesar,
Amanhã é novo dia,
Não te cances de esperar.

“Quem espera sempre alcança”,
Afirma velho rifão...
Coração, segue e confia,
Canta a vida, coração!

*JOSE GUEDES **

1

FILHO QUE NÃO NASCEU

Fui trazido ao teu colo e sussurro, baixinho:
— “Mãe, eu serei na carne o sonho de teu sonho!...”
Depois, em prece ardente, em ti meus olhos ponho,
Pássaro fatigado ante a úsnea do ninho.

Abraço-te. És comigo a esperança e o caminho...
Em seguida — oh! irrigão! —, eis que, num caos medonho,
Expulsas-me a veneno, e, bruto, me empeçongo,
Serpe oculta a ferir-te em silêncio escarninho.

Já me dispunha a dar o golpe extremo, quando
Surge alguém que me obriga a deixar-te dançando
Em formoso salão onde o prazer fulgura.

Passa o tempo. Hoje volto... E' o amor que em mim arde.
Mas encontro-te, oh! mãe, a gemer, triste e tarde,
Sombra que foi mulher, enjaulada à loucura...



2

IR E VIR

Oh! suprema ventura, ampla e radiosa!
Libertar-se e subir, ao fim da luta...
A alma sonha, tateia, ouve e perscruta
32 A alegria que há muito se não goza!

(*) O poeta não se identificou nas reuniões a que compareceu.

32. Observe-se o efeito extraordinário desta próclise pronominal: “... que
há muito se não goza!”

Mais além, surgem trilhas de ouro e rosa,
Sobre a Terra que foge, diminuta...
A paisagem por fim se desenluta
Em aurora esplendente e majestosa!

Estou livre, no entanto escuto gritos
Que me lanham quais látegos aflitos...
Triste de mim!... Debalde, me comovo!...

40 O passado apresenta longo arquivo,
E eu, que ria e cantava redivivo,
Volto ao berço das lágrimas de novo!...

3
LAMENTO PATERNO

Ah! meu filho, na concha de teu peito,
Via-te o coração por céu vindouro,
Encerravas contigo, meu tesouro,
O futuro risonho, alto e perfeito.

Entretanto, prendi-te a cruzes de ouro,
Cujo peso carregas sem proveito,
Abatido, cansado, insatisfeito,
Arrojado a terrível sorvedouro...

Recolheste, no encanto de meu jugo,
O fascínio da posse por verdugo
E a preguiça forjando horrendas pragas.

Hoje, chamo-te em vão... Ouves apenas
O dinheiro vazio que armazenás
Na demência da usura em que te apagas!...

40. Quer o poeta dizer que o corpo espiritual ostenta os clichês de todos os seus atos praticados, inclusive os de existências anteriores a que, debalde, tenta o indivíduo fugir.



1
D E U S

Passa no oceano azul a resplendente frota,
Brilham flâmeos pendões, de fragata em fragata...
Relampeia o esplendor... E' a luz que se desata
Do coração da vida em clâmide remota.

Vejo a ronda dos sóis por divina cascata,
Da Terra a que me prendo, — humilhada galeota.
Cada estrela é canção, que a beleza pilota,
Nos tênuas brocatéis de púrpura e de prata.

(*) Poeta, orador, romancista, contista, historiador, jornalista. Fêz o curso primário no Liceu de S. Cristóvão, do Rio, e em 1885 fixou residência na capital do Paraná, onde exerceu vários cargos públicos. Professor do Ginásio Paranaense e Escola Normal de Curitiba, DV angariou grande prestígio como verdadeiro «mestre da mocidade». Altamente espiritualista, foi um apaixonado prosélito das doutrinas ocultistas e herméticas. Helenófilo, chegou a criar em Curitiba um Instituto Neopita-